

Aristóteles Barcelos Neto
(University of East Anglia) **Resenha dos vídeos:**

TEODORO DA CUNHA, Edgar. 2005. *Ritual da Vida*. Documentário, 28min. São Paulo: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP. Falado em português e bororo, legendas em inglês.

MORGADO, Paula & João Cláudio Sena. 2007. *Do São Francisco ao Pinheiros*. Documentário, 70min. São Paulo: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP. Falado em português, legendas em inglês.

A antropologia visual vem acumulando desde a última década contribuições de importante relevância para a etnografia do Brasil indígena. Os vídeos *Ritual da Vida*, de Edgar Teodoro da Cunha, e *Do São Francisco ao Pinheiros*, de Paula Morgado e João Cláudio Sena, são bons exemplos dessa safra. Os dois documentários, realizados no âmbito de um projeto temático FAPESP, exploram e fundem narrativa etnográfica e artisticidade com verdadeiro êxito. Embora distintos entre si do ponto de vista narrativo e temático, ambos os vídeos compartilham estratégias de realização fundamentais para o sucesso de trabalhos dessa natureza: pesquisa de médio ou longo curso e interação amistosa com comunidades específicas.

Como resultado de uma pesquisa de doutorado, *Ritual da Vida* traz detalhes profundos do complexo ritual funerário bororo. *Do São Francisco ao Pinheiros* apresenta uma visão extraordinária da migração pankararu que historicamente os dividiu entre uma “aldeia” urbana – a favela Real Parque, às margens do rio Pinheiros, em São Paulo – e a antiga Brejo dos Padres, no sertão pernambucano. Esse vídeo explora magistralmente o esforço dos Pankararu em construir memórias sobre essa divisão e os impactos que esta tem sobre as percepções internas e externas de identidade pankararu. No curso do vídeo emerge um vasto sertão de temas com inegável potencial para a antropologia histórica e para a história das religiões no Brasil.

Edgar Teodoro da Cunha optou por tecer uma narrativa não linear com o uso de voz *off* em alternância e fusão com a paisagem sonora bororo. O efeito é uma narrativa que capta o sentido circular da sócio-cosmologia bororo. O som do zunidor (objeto de movimento circular, como outros movimentos bororo mostrados no filme) é uma metáfora sonora de algo que não tem fim: a renovação da vida bororo via ação ritual. Os zunidores dão o compasso da iniciação e os maracás o compasso do funeral. Na própria cronologia do filme um ritual vai dentro do outro como duas lascas de palha que se trançam, essa metáfora também excelentemente explorada por Edgar Teodoro da Cunha ao longo do filme. Na abertura, o autor faz uma menção ao mito da vida breve que tematiza o problema da escolha entre o tempo eterno da pedra e o tempo finito e renovável do bambu. Excelente essa menção logo no início, pois o mito confere ao filme um *framing* conceitual propriamente bororo. Edgar segue sua narrativa com um interessante diálogo com a temporalidade bororo.

Do São Francisco ao Pinheiros faz uso de uma metáfora visual forte, bem marcada na abertura do filme e ao longo de várias cenas: estradas, linhões da Chesf (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco) e da Eletropaulo, rios, avenidas: tudo em linhas, apontando para o norte, para o sul. Imagens em consonância com a constante migração pankararu. E em meio a tantas linhas, um ponto de convergência: a terra indígena Pankararu em Brejo dos Padres, lugar de origem, terra dos encantados, da “força pankararu”, palco do misterioso ritual do flechamento do umbu (fruta sazonal do verão). Brejo dos Padres é o lugar de *empowerment* da identidade pankararu, onde, uma vez por ano, o mundo pankararu se renova.

Algumas falas capturaram minha atenção, as quais penso terem, ainda, grande relevância para o indigenismo e para a etnologia atuais. Trata-se do otimismo pankararu e do pessimismo bororo. No caso bororo as falas são explícitas: “Nossas coisas estão indo por água abaixo. Os brancos estão querendo fazer a gente voltar para trás. Um pouco difícil”. Em outra fala, um pouco mais seca, um xamã diz: “Mas Bororo está acabando”. E logo em seguida complementa com uma menção aos enfeites plumários: “Pouco tem, muito não tem”. Os Pankararu, por seu turno, exibem com orgulho seu campião, suas identidades indígenas expedidas pela Funai e as efígies de seus praiás [a forma corpórea dos espíritos dos Encantados] colocadas nas estantes da sala. Um dos líderes de Brejo dos Padres diz que agora os dançarinos de Praiá já somam 100, eles ultrapassaram rapidamente a cifra de 25 dos anos anteriores. Um motivo de altiva celebração. Uma das falas mais marcantes interpreta a agência pankararu na longa história colonial e conclui que os índios sim deram sua contribuição para fazer um “Brasil melhor”.

Tanto os Bororo quanto os Pankararu têm plena consciência dos efeitos da difusão de suas imagens. Os Pankararu encararam o vídeo de Morgado e Sena como uma oportunidade de transmitir mensagens/imagens e simultaneamente de construir auto-imagens. Algumas falas pareciam estar presas há anos, como a de Zé Cocada da Cruz:

“Não sei falar do presente nem do amanhã, porque a coisa que o amargo que a gente passou quero que o Brasil todo conheça o esforço e o peso que sofreu Pankararu”.

O que é encantador em ambos os filmes é que não há hesitação, nem dos índios, nem dos realizadores.

Se houvesse hesitação de qualquer uma das partes, o ambiente teria sido outro: as pessoas teriam se calado, a paisagem humana estaria restringida e os filmes tenderiam, na melhor das hipóteses, a um minimalismo estéril.

Em *Do São Francisco ao Pinheiros*, percebe-se interações profundamente amistosas, carinhosas até. Na sala da casa de Maria de Onório, em Brejos dos Padres, ocorre algo transcendente envolvendo Paula Morgado e a anfitriã, que pega da sua estante uma efígie de um praiá e muito espontaneamente diz:

“A senhora não acredita. Eu acredito. Também não digo nada. Cada um vai por seu lado. Deus no céu e meu santinho. Porque se a senhora me der um retrato... Eu tenho esse retrato desse praiazinho aqui. Então, assim como eu amo esse, eu vê (o vejo), então eu posso adorar esse praiazinho. Eles (os Praiá) estão perto de mim. Bem assim será a senhora. Me dá o teu retrato que eu não quero que ninguém mexa com ele não”.

Alguns Pankararu em São Paulo também têm pequenas efígies dos praiá em suas salas, uma lembrança de sua real existência lá no norte. Os Praiá são poderosos em vários sentidos. Como diz Maria de Onório, de Brejo dos Padres, com brilho nos olhos e espírito elevado: “É Deus no céu, nós na terra, os remédios do mato e os homens do cansação” [os *performers* do ritual dos Praiás].

Ambos os vídeos são duplamente belos pelas imagens, pela amplitude das paisagens humanas e pela emoção que eles transmitem. Depois de ver o filme de Morgado e Sena passo também a ter fé nos homens do cansação.

Aristóteles Barcelos Neto é doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e “lecturer” em Artes das Américas na Sainsbury Research Unit for the Arts of Africa, Oceania and the Americas da University of East Anglia (Grã-Bretanha).

